

***Missio dei*: Um paralelo entre a missão no primeiro século d.C. e a missão no século XIX d.C.**

Missio Dei: A Parallel Between Mission in the First Century A.D. and Mission in the Nineteenth Century A.D.

Rubens Fabiano dos Santos Ramos¹
Vitor Emanuel Correa de Mesquita²

RESUMO

O presente artigo, tem o objetivo de analisar de forma comparativa a missão da igreja em dois recortes históricos, a saber, o século I e o século XIX. A igreja do I século d.C., herda a missão de Deus, *missio dei*. Ela inaugura uma nova aliança, possuindo uma teologia missionária com uma mensagem centrada em Cristo, propagada por meio da proclamação. Eles prepararam novos missionários, por meio do discipulado. Neste contexto, surgem as comunidades cristãs, que também tiveram grande importância no cumprimento da missão. O século I, foi um período de construção de identidade e de grande avanço na missão. No século XIX, a igreja enfrentou vários desafios como, a relação entre a missão e colonização, que deixou grandes cicatrizes na história da missão; a resistência cultural, advinda das mudanças causadas pelo iluminismo; e os impactos causados pela modernidade. Foram desafios que causaram enormes prejuízos a missão, e que levou a igreja a buscar novas respostas para os novos problemas sociais, e, a reafirmação da fé. Por meio da proposta metodológica comparativa, características da missão como mensagem, ação missionária e barreiras culturais, foram comparadas nos dois recortes históricos, o séc. I e o séc. XIX, chegando à conclusão, de que não havia apenas diferenças, mas semelhanças entre os períodos analisados.

Palavras-chaves: *Missio Dei*, A missão no I século d.C., A missão no século XIX d.C.

ABSTRACT

This article aims to analyze in a comparative way the mission of the church in two historical cuts, namely, the first century and the nineteenth century. The church of the first century A.D. inherits God's mission, *missio dei*. It inaugurates a new covenant, possessing a missionary theology with a Christ-centered message, propagated through proclamation. They prepared new missionaries through discipleship. In this context, Christian communities emerged, which also had great importance in the fulfillment of the mission. The first century was a period of identity construction and great progress in the mission. In the nineteenth century, the church faced several challenges such as the

¹ Teologia em andamento na Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Missionário.

² Mestrado em andamento em Ciências da religião pela UMESP. Pós-graduado em história do Cristianismo pela FABAT. Licenciado em Letras - Língua Portuguesa pela UNINTER. Formado em Teologia pela UNESA.

relationship between mission and colonization, which left great scars in the history of mission; cultural resistance, arising from the changes caused by the Enlightenment; and the impacts caused by modernity. These were challenges that caused enormous damage to the mission, and that led the church to seek new answers to new social problems, and the reaffirmation of faith. Through the comparative methodological proposal, characteristics of the mission as a message, missionary action and cultural barriers, were compared in the two historical cuts, the I century. and the century. Reaching the conclusion that there were not only differences but also similarities between the periods analyzed.

Keywords: *Missio Dei*, The mission in the first century A.D., The mission in the nineteenth century A.D.

INTRODUÇÃO

A *Missio Dei* (Missão de Deus) é um tema central nas Escrituras Sagradas abordado pela missiologia. González e Orlandi³ descrevem a missiologia como sendo “a disciplina que estuda, de forma sistemática e coerente, tudo o que for relacionado à missão de Deus e à da comunidade de fé.”⁴

O conceito parte da premissa de que, a missão de reconciliar a humanidade perdida, devido ao pecado, com seu criador, parte do próprio Deus. Ele planejou e atuou como “missionário” em toda a história. Neste contexto, a igreja cristã herda a missão, por meio do próprio Deus encarnado, Jesus Cristo, mas essa missão tinha parâmetros, uma mensagem, alvos e etapas a serem cumpridas como: Evangelização, discipulado, plantação de igrejas, formação de liderança e envio de missionários. A missão herdada pela Igreja no primeiro século cumpre sua tarefa, embora tenha enfrentado vários obstáculos. Com o passar dos séculos a igreja enfrentou vários desvios, a exemplo do processo de colonização no século XIX, que se confundiu com evangelização, pois ambos andavam de mãos dadas, deixando cicatrizes históricas. O impacto da era moderna sobre a missão no século XIX bem como as barreiras culturais foram desafios a serem vencidos.

Utilizando-se do método comparativo⁵, torna-se possível analisar a igreja primitiva do século I d.C. e a igreja do século XIX d.C., em relação a missão. Gil

³ GONZÁLEZ, Justo L.; ORLANDI, Carlos Cardoza. **História do movimento missionário**. 1ª ed. São Paulo. Hagnos, 2010.

⁴ GONZÁLEZ; ORLANDI, *op. cit.* p. 23.

⁵ RODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Emani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**-2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

comenta que o método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e as similaridades entre eles.⁶

A justificativa da pesquisa é aprofundar o conhecimento teórico, para um melhor desenvolvimento de cristãos comprometidos com a obra missionária e com estudo teológico, trazendo informações sobre períodos distintos, separados por XVIII séculos, com o objetivo de analisar como a *missio dei* foi influenciada pelos fatores como, cultura, sociedade, desenvolvimento social, aceitação ou rejeição da mensagem do evangelho, contribuições, e se nesse salto histórico, do século I para o XIX, houve uma mudança de paradigma do que foi a *missio dei* no I século. Dentro desse contexto, a pesquisa contribui não apenas para o ramo da missiologia, mas também para o estudo da história da igreja e seus desdobramentos.

1. CONCEITO DE *MISSIO DEI*

Em termos etimológicos práticos, as palavras *Missio Dei* têm os seguintes significados: “*Missio*” = missão, “*Dei*” = Deus, logo, *Missio Dei* significa missão de Deus, a obra, tarefa, encargo ou responsabilidade em cumprir algo pelo próprio Senhor.

Parafraseando Brandão em seu livro, *Igreja multiplicadora, cinco princípios bíblicos para crescimento*, o termo *Missio Dei*, que significa Missão de Deus, expressa o entendimento de que a missão é de Deus.⁷ Ele planejou desde a queda do homem (Gn 3) um plano, uma missão de resgate, a fim de reconciliar e salvar a sua criação. A Bíblia de estudo King James 1611, estudo Holman⁸, diz que, a referência em Gênesis 3.15, é conhecida na cristandade como protoevangelho, ou “as primeiras boas novas,” porquanto é a primeira predição do evangelho de Jesus Cristo.⁹ A missão não tem início na igreja, mas em Deus, desde o início da história em seu declínio até a consumação dos séculos, descritos desde o livro de Gênesis até o de Apocalipse.

Gonzáles e Orlandi¹⁰ afirmam que “a igreja, como povo de Deus, surge dessa missão e participa dela. A igreja é o resultado e a coprotagonista da missão de Deus. A igreja nasce, mantém-se e transforma-se pela missão de Deus”.

⁶ GIL *apud* PRODANOV; FREITAS, p. 38.

⁷ BRANDÃO, *op. cit.* p. 160.

⁸ **Bíblia. Bíblia de estudo King James 1611.** Estudo Holman, 1ª ed. Rio de Janeiro : BV Books, 2018.

⁹ BÍBLIA, *op.cit.* p. 13.

¹⁰ GONZÁLES; ORLANDI, *op.cit.*

Para Brandão (2014), a missão que é de Deus, foi transferida para a igreja por Jesus, para que dessem continuidade, mas dependente da obra e revestimento do poder do Espírito Santo. Os discípulos receberam a mensagem, a capacitação, o alvo e o propósito da missão.

No evangelho de Mateus, especificamente no capítulo 28 e versículos 19 ao 20, onde está escrito:

πορευθέντες οὖν μαθητεύσατε πάντα τὰ ἔθνη, βαπτίζοντες αὐτοὺς εἰς τὸ ὄνομα τοῦ Πατρὸς καὶ τοῦ Υἱοῦ καὶ τοῦ Ἁγίου Πνεύματος, διδάσκοντες αὐτοὺς τηρεῖν πάντα ὅσα ἐνετειλάμην ὑμῖν· καὶ ἰδοὺ ἐγὼ μεθ' ὑμῶν εἰμι πάσας τὰς ἡμέρας ἕως τῆς συντελείας τοῦ αἰῶνος.¹¹

É possível observar Jesus convocando seus seguidores para o cumprimento da grande missão, o que seria cumprido, a partir, principalmente, dos eventos descritos no livro dos Atos dos Apóstolos, como, o derramamento do Espírito Santo, a formação das comunidades cristãs e as viagens missionárias. A Bíblia de estudo King James, estudo Holman (2018), faz a seguinte abordagem sobre a grande comissão:

A ordem de estender a missão deles pelo mundo inteiro leva ao clímax o repetido tema de Mateus da participação gentílica na salvação de Deus. A inclusão de quatro mulheres gentias na genealogia de Jesus preanunciou a missão dos discípulos de fazer discípulos de todas as nações.¹²

Jesus ordenou que a igreja pregasse a todas as pessoas, independente da etnia, nação ou status social, todos precisavam ouvir a mensagem para que tivessem a oportunidade da salvação. Para Green (2020)¹³, “não havia dúvidas de que a salvação veio dos judeus, que sua origem veio de um homem nascido sob a lei, mas ela está destinada ao mundo todo.”¹⁴

Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas abordam a grande comissão, mas em nenhum outro livro na Bíblia no Novo Testamento, relata a atuação missionária da igreja de forma tão intensa, quanto o livro de Atos dos Apóstolos, dando-nos uma ideia

¹¹ ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ²⁰ ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século. Bíblia Almeida Revista e Atualizada Disponível em: <https://bibliaportugues.com/text/matthew/28-19.htm>. Acesso em: 19 de maio de 2025.

¹² BÍBLIA, *op.cit.* p.1601

¹³ GREEN, Michael. **Evangelização na Igreja Primitiva**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2020.

¹⁴ GREEN, *op.cit.* p. 148.

da proporção do que viria a seguir e seus possíveis desdobramentos, no que diz respeito à atuação da igreja como instrumento de Deus para o cumprimento de seu propósito.

2. TEOLOGIA MISSIONÁRIA NO I SÉCULO D.C.

Durante o primeiro século, principalmente no período em que a igreja era apenas vista como o movimento de Jesus, muitos dos escribas e fariseus, tinham o entendimento de que o messias e as Escrituras Sagradas beneficiavam em especial a nação judaica, havia equívocos interpretativos.¹⁵ Segundo Shelley (2018), “O encontro com Jesus levou os cristãos primitivos a examinarem novamente o Antigo Testamento”.¹⁶ Não é que eles se voltaram ao Antigo Testamento como se o novo já estivesse concluído, na verdade, eles reinterpretaram o Antigo Testamento a partir das novas experiências que vivenciaram, e, através dessa releitura, compreendem o aparecimento do Messias e o foco expansivo da missão.

2.1 Centralidade de Cristo

Com base na leitura no evangelho de Mateus no capítulo 28, sobre a grande comissão, momento em que Jesus envia os seus apóstolos; eles deveriam anunciar uma mensagem a todas as nações, mas, que mensagem? Qual o conteúdo dessa mensagem?

Antes de sua morte, durante a celebração da páscoa, Jesus declara que os seus seguidores viveriam sobre uma nova aliança, e que, essa nova aliança seria formalizada pelo seu sacrifício, momento que seria simbolicamente lembrado no partir do pão e no beber do vinho em uma ceia (texto descrito no evangelho de Mateus 26.17-31). Shelley (2018), “o tempo da nova aliança, Jesus disse, havia chegado. A existência de um novo povo de Deus, desfrutando do perdão dos pecados, era agora possível por meio do derramamento de seu próprio sangue.”

Nessa nova configuração, os enviados, deveriam anunciar a chegada do reino de Deus, e a necessidade humana de salvação, enfatizando que, Jesus foi o meio pelo qual Deus iria resgatar a “humanidade” perdida. Jesus se torna o centro da mensagem, a boa notícia de uma salvação por meio da graça. Millard (2015, p. 775), argumenta que:

¹⁵ SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo**: Uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. 1ª ed. Rio de Janeiro. Thomas Nelson Brasil, 2018. p. 29.

¹⁶ SHELLEY, *op.cit*, p. 29.

“Jesus veio com o propósito de oferecer vida como um resgate, um meio de libertar as pessoas que estavam escravizadas ao pecado”. Green (2020), relata que as boas notícias messiânicas começaram em João Batista, pois o profeta pregava as boas novas, a necessidade de arrependimento e a chegada do Reino de Deus.¹⁷ Shelley (2018), enfatiza que os apóstolos pregaram a ressurreição de Jesus desde o início como sendo um propósito divino, comprovando pela exposição das Escrituras. Qualquer tema estava interligado a Jesus, fosse, graça, arrependimento ou vinda do Reino de Deus, Ele era o centro da mensagem.

Green (2020), ao falar sobre as boas novas no livro escrito por Marcos, ele diz que o autor do texto bíblico teve o cuidado de manter Jesus no centro das boas novas.¹⁸

2.2 Evangelismo por meio da proclamação

Como já citado nesse artigo, eles tinham uma mensagem centrada em Cristo, mas, essa mensagem precisava ser divulgada, e foi uma ordem expressa do mestre para o seu grupo de discípulos.

Essa missão já havia sido ensinada aos discípulos; eles, por mandato de Jesus, proclamavam as boas novas entre o povo judeu, que foi a prioridade durante os três anos do ministério do Messias, segundo o relato no livro de Mateus 15.24, o comentário bíblico Beacon¹⁹ (p.114), relata que Cristo informou que Ele havia sido enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel. Primeiro com o seu silêncio e depois com uma afirmação direta. Porém, essa mensagem deveria tomar outras proporções pós ressurreição, com base nas profecias messiânicas, a exemplo da que Abraão recebeu. “em ti serão benditas todas as nações da terra” (Livro do Genesis 12.3).

“Não havia dúvidas quanto a isso na igreja primitiva, apesar de muitas vezes terem surgido problemas em relação a até que ponto os convertidos não judeus deveriam adaptar-se ao ritual, à lei e aos externos de Israel”.²⁰

O livro de Atos também traz essa informação ainda mais clara, quando Jesus dá a instrução quanto à onde proclamar, destacando Jerusalém, Judeia, Samaria e até os

¹⁷ GREEN, *op.cit.* p. 72.

¹⁸ GREEN, *op.cit.* p. 75.

¹⁹ EARLE, *op.cit.* p. 114.

²⁰ GREEN, *op.cit.* p.148.

confins do mundo (Atos 1.8). Segundo o comentário histórico-cultural da Bíblia, Novo Testamento (2017),

Textos antigos referiam-se a diferentes lugares com a expressão “confins da terra”. A referência mais comum era à Etiópia (At 8.15; cf. Lc 11.31), mas, em Atos, o alvo estratégico de curto prazo é Roma [...] para causar um impacto imediato no império. Porém, de uma perspectiva de amplo alcance, todos os povos estão incluídos.²¹

Levando em consideração as limitações do período em questão, não havia muitas opções para espalhar a mensagem, portanto, o evangelismo pessoal foi o melhor método para se realizar essa tarefa. Na visão de Green (2020), o evangelismo nas casas foi um dos métodos mais eficazes e mais importantes na expansão do cristianismo no primeiro século.²²

As ações missionárias também foram importantíssimas para a proclamação e cumprimento da missão, e nesse contexto, muitos indivíduos se destacaram positivamente, dentre esses, o apóstolo Paulo. Segundo Shelley, (2018), “Com exceção de Jesus, ninguém fez mais pela fé cristã e moldou o cristianismo quanto o apóstolo Paulo, mesmo sendo o mais improvável”.²³ Aquele que dantes perseguia a igreja, agora passa a proclamar a mensagem que esta divulgava, passando a partilhar das suas adversidades e perseguições. Sua dupla cidadania lhe possibilitava transitar entre os judeus e romanos, sendo que, entre os gentios ele teve mais destaque.²⁴ Segundo Shelley (2018), O título de enviado não poderia ser mais apropriado para o apóstolo dos gentios ou povos que não eram de origem judaica, ele declara que:

O título *apóstolo*, ou *enviado*, não poderia ser mais apropriado. Paulo fez uma série de viagens por toda Ásia Menor (atual Turquia) e a Grécia pregando Jesus como o Cristo e plantando igrejas de cristãos gentios.

Os grupos de Paulo formavam um grupo heterogêneo. Alguns tinham antecedentes respeitáveis, mas a maioria era pagã com um passado sórdido. Em muitas cartas, Paulo lembra os leitores da antiga vida que levavam: eram sexualmente imorais, idólatras, adúlteros, homossexuais, ladrões; avaros, alcoólatras, caluniadores e trapaceiros. Todavia, diz ele, “você foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome de Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus (1Coríntios 6.11).²⁵

É importante ressaltar ainda que, a atuação do Espírito Santo foi de extrema

²¹ EARLE *op.cit.* p. 379.

²² GREEN, *op.cit.* p. 24.

²³ SHELLEY, *op.cit.* p. 34-35.

²⁴ SHELLEY, *op.cit.* p. 35.

²⁵ SHELLEY, *op.cit.* p. 35.

importância nesse processo. Para Richard (2024),²⁶ “A vinda do Espírito Santo, inaugura a igreja; sua presença vitaliza o povo de Cristo; seu derramamento os capacita ao ministério”.²⁷ A igreja foi capacitada pelo Espírito para realizar a missão, os sinais que dantes eram vistos sendo feitos pelo mestre em maior proporção, passaram a ser realizados com mais frequência por seus discípulos. Richard (2024), declara que: “Os sinais visíveis que acompanharam a vinda do Espírito, atraíram uma multidão e forneceram a oportunidade para a primeira mensagem do evangelho na história”.²⁸ Os métodos utilizados pelos seguidores do cristianismo bem como a ação do Espírito Santo, proporcionou um grande avanço na missão. Nas palavras de Carriker (2018),²⁹ “A porcentagem de crescimento no número de cristãos era de 40% por década, chegando a um número surpreendente de 6 milhões de cristãos no terceiro século”.³⁰ Esse número surpreendente, se deu pelo grande comprometimento dos seguidores do Messias, aliados à atuação do Espírito Santo e pela motivação da volta iminente do seu Mestre. Havia uma expectativa de que Jesus voltaria logo.³¹

2.3 Discipulado

Considerando o fato, de que a missão tinha como objetivo anunciar para todos os povos e em todos os lugares da terra, a missão não seria realizada rapidamente, muito menos em um curto prazo, e Jesus sabia disso. Quando Ele escolheu doze homens para ser seus discípulos e conviver com ele durante três anos, ele tinha em mente que o projeto deveria ter continuidade, ele passaria essa responsabilidade aos doze, pois sabia que o prazo seria longo. Essa ideia fica óbvia quando ele disse: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês...” (Mateus 28.19-20).³² Eram discípulos fazendo discípulos. Segundo Brandão (2014):

Discípulos (*mathetes*, no grego) quer dizer aluno, aprendiz, aquele que

²⁶ RICHARDS, Lawrence. **Comentário histórico-cultural do Novo Testamento**. 2ª ed. Rio de Janeiro. CPAD, 2024.

²⁷ RICHARD, *op.cit.* p. 251.

²⁸ RICHARD, *op.cit.* p. 251.

²⁹ CARRIKER, Timóteo. **O que é igreja missional: Modelo e vocação da Igreja no Novo Testamento**. 1ª Ed. Viçosa-Mg. Ultimato, 2018.

³⁰ CARRIKER, *op.cit.* p. 27.

³¹ GREEN, *op.cit.* p. 330.

³² BÍBLIA. **Bíblia Leitura Perfeita: Evangelismo** — 1ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

aprende o ensino de alguém, aquele que se assenta aos pés de um mestre para aprender com ele”.³³

Arêa (2023)³⁴, vai além, e diz que “a palavra traduzida na Bíblia por “discípulo” transmite a ideia de seguir, juntar-se, imitar”.³⁵ Eles deveriam imitar o seu mestre, que veio com uma missão e a compartilhou.

Os discípulos treinados por Jesus, tinham uma árdua missão, levar a mensagem que aprendera estando aos pés do Mestre para todas as pessoas em todo o planeta, algo que, em uma geração eles não conseguiriam, então, seria necessário passar um legado, sempre deixando para a próxima geração a incumbência de testemunhar o evangelho.

2.4 Comunidades cristãs

Com a inauguração da igreja na festa do Pentecostes³⁶, surgiram comunidades cristãs, que a princípio eram em sua maioria compostas por Judeus, principalmente por algumas mulheres, a exemplo de Maria, e composta pelos discípulos e parentes.³⁷ Eles se autodenominavam de “O Caminho” e não se viam como uma nova religião, pelo contrário, eles estavam sempre no templo e nas sinagogas e até cumpriam rituais do judaísmo.³⁸ O que os diferenciavam era a mensagem sobre o Messias, que eles acreditavam ser Jesus, e as ordenanças deixadas por Jesus, o batismo e a ceia. Ainda nesse formato, a missão teve grande avanço chegando a milhares de seguidores em dois anos.³⁹

Com o crescimento da igreja, muitos helenistas (judeus e outros povos que foram imergidos na cultura grega) foram sendo alcançados. Esse fato é destacado em muitas passagens no livro de atos, uma delas, é quando foram instituídos os homens que serviriam as mesas, os diáconos, porque os judeus de fala grega estavam sendo esquecidos na distribuição diária do alimento, descrito em Atos 6. Nas palavras de Shelley,

³³ BRANDÃO, *op.cit.* p. 55.

³⁴ ARÊA, André Luiz Bento. **Ensinado a guardar todas as coisas que o Senhor Jesus tem ordenado em Mateus 28.20**: mobilizando a igreja ao ministério eficiente através do discipulado. 2023.

³⁵ ARÊA, *op.cit.* p.10.

³⁶ A palavra “Pentecostes” vem do grego. Ela significa “quinquagésimo” e concluía o período de sete shabats (sábados) iniciado na Páscoa. BÍBLIA, 2018, *op.cit.* p. 210.

³⁷ SHELLEY, *op.cit.* 32.

³⁸ SHELLEY, *op.cit.* p. 32

³⁹ *Ibid.*, p. 32-33.

O número de gentios cresceu tanto no mundo helênico que a igreja de Jerusalém precisou enviar missionários para estabelecer laços com os novos centros do cristianismo.⁴⁰

Um desses novos centros compostos por sua grande maioria de habitantes não judeus, se destaca no processo para cumprimento da missão, a cidade de Antioquia. Nela, os discípulos foram chamados pela primeira vez de cristãos; a cidade se tornou um centro de iniciativas missionárias, equiparando-se a Jerusalém. Aquela comunidade exerceu grande influência na propagação da fé cristã dando um gigantesco passo na evangelização dos povos gentílicos.⁴¹ A igreja estava criando sua própria identidade enquanto se envolvia na missão; o movimento que era chamado de o Caminho, agora tem outra designação.

Segundo Keener (2017)⁴², o termo cristão só aparece em At 11.27 e em 1Pedro 4.16, sendo que em Atos, é como um apelido pejorativo, e em 1Pedro, como uma espécie de acusação legal.⁴³ A zombaria que era típica da cidade de Antioquia, deu o nome aos seguidores de Jesus, que aceitaram de bom grado a designação cristãos.

3. DESAFIOS DA MISSÃO NO SÉCULO XIX D.C.

Durante o século XIX d.C., a igreja continuou com a missão de proclamar as boas novas, no entanto, ela precisou enfrentar novos desafios que foram grandes obstáculos para o avanço da igreja cristã.

González e Orlandi, destacam os desafios da missão no séc. XIX da seguinte forma:

o século XIX apresentou para as missões cristãs o maior desafio e uma ampla oportunidade. As novas condições do mundo eram tais que poderiam se supor que o impulso missionário do cristianismo, unido como estava a algumas das velhas condições, não conseguiria sobreviver. No final do século XVIII e no começo do século XIX, apareceu na história do Ocidente uma série de movimentos que tendiam a debilitar o apoio que, desde a época de Constantino, o Estado havia prestado a igreja.⁴⁴

Desafios como a influência do movimento iluminista na sociedade, a resistência

⁴⁰ *Ibid.*, p. 36.

⁴¹ **Bíblia**, 2018, *op.cit.* p.34.

⁴² KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. 1ª ed. São Paulo. Vida Nova, 2017.

⁴³ *Ibid.*, p. 421-422.

⁴⁴ GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit.* p. 227.

cultural, o impacto da modernidade e a relação entre missão e colonização, foram barreiras do século XIX que a igreja teve de enfrentar, em um processo que proporcionou prejuízos e avanços.

3.1 Relação entre missão e colonização

Durante alguns séculos a missão (evangelização) e a colonização eram vistos como interdependentes, uma estava ligada a outra. “O bordão da época se tornou: Colonizar é missionar”⁴⁵ (Nascimento, 2015, p.86). O surgimento do movimento iluminista⁴⁶ promoveu um sentimento de superioridade aos povos “civilizados”, como se autodenominavam os europeus e os norte-americanos; contribuindo para o surgimento de ideologias. Nascimento (2015), diz que, os norte-americanos, movidos pelo Iluminismo e o forte nacionalismo, criaram o “Destino Manifesto”⁴⁷, e nesse período o colonialismo teve o seu apogeu. Os americanos acreditavam que, por suas qualidades, Deus os havia escolhido para representar os povos.⁴⁸

Esse comportamento de superioridade, não apenas entre os americanos, mas também entre os europeus, desencadeou, um dos períodos, mas vergonhosos na história da igreja. Segundo Nascimento (2015), “os conquistados sofreram barbarismos e espoliações, por parte de conquistadores que se autodenominavam cristãos”.⁴⁹ Esquecendo-se de sua missão, a igreja não apenas se deixou contaminar, mas também fez parceria com movimentos imperialistas.⁵⁰ A missão de alcançar os povos por meio da pregação do evangelho, passa a ter uma característica de imposição da fé e domínio, quando deveria ser simplesmente uma proposta a fé. Segundo Nascimento (2015),

⁴⁵ NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização? O risco de fazer Missão sem se importar com o outro**. 1ª Ed. Viçosa-Mg – Editora: Ultimato, 2015. p. 86.

⁴⁶ O pensamento iluminista tem como fundamentos a crença no poder da razão humana de compreender nossa verdadeira natureza e de ser consciente de nossas circunstâncias. O homem, então, cria ser o detentor de seu próprio destino, formulando o racionalismo e contrariando as imposições de caráter religioso, sua “razão” divina de existir, e os privilégios dados à nobreza e ao clero – ainda predominantes à época (séculos XVII e XVIII). Conferir: S. DE MELO, Vico Denis; A. DONATO, Manuella Riane. **O Pensamento Iluminista e o Desencantamento do Mundo: Modernidade e a Revolução Francesa** como marco paradigmático. Revista Crítica Histórica, [S. l.], v. 2, n. 4, 2011. DOI: 10.28998/rchv12n04.2011.0012.

⁴⁷ Essa Doutrina defendia que Deus estava do lado da nação norte-americana, e que era direito dela expandir-se além de suas fronteiras. Conferir: OHARA, Danielle Souza et al. **O Destino manifesto nos discursos oficiais dos Estados Unidos: do 11 de setembro à invasão do Iraque** (2003). 2013.

⁴⁸ NASCIMENTO, *op.cit.* p. 27.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 33.

⁵⁰

“provavelmente, muitos nativos aderiram ao cristianismo com medo de represálias e castigos”.⁵¹

Embora o conceito de missão, seja o ato de Deus por meio da igreja em levar a mensagem cristocêntrica de resgate e reconciliação para a humanidade perdida, e o conceito de colonizar, segundo o dicionário, é “fazer com que seja transformado em colônia; modo de habitação de colono; tomar conta de; propagar-se ou invadir,”⁵² separar os dois conceitos, missão e colonização, no início do século XIX não era tarefa fácil, visto que o “conceito” era paradoxal para muitos. A igreja estava com um grande desafio a ser vencido.

Muitos cristãos não compactuavam com esse sistema de domínio, e “coisificação” do outro, dentre eles, William Wilberforce (1759-1833), líder da comunidade denominada Clapham, na Inglaterra, lutou incansavelmente pelo fim do comércio escravagista, discursando no parlamento inglês e criando opinião pública para levar a pressão dessa opinião ao governo. Em 23 de fevereiro de 1807 ele venceu a oposição, dando fim ao comércio de escravos na Inglaterra, no entanto os escravos tinham continuado presos. Em 25 de julho de 1833 a sua luta foi coroada com a libertação dos escravos, embora Wilberforce, por motivo de saúde tivesse se afastado do caso.⁵³

Seu empenho na luta pela libertação dos escravos e principalmente pelo testemunho cristão, são descritos em um de seus discursos, quando ainda ansiava cumprir tal meta:

Nunca, nunca, disse ele, desistiremos, até que tenhamos limpado esse escândalo do nome cristão, libertando-nos do peso da culpa e extinguindo todo resquício desse tráfico sanguinário.⁵⁴

Embora a relação entre a missão e colonização tenha sido danosa em alguns aspectos, não se pode negar que a igreja nesse período, século XIX, tenha chegado a lugares até então desconhecidos, demonstrando um grande avanço na obra missionária. Mas será que esse “avanço” teve efeito?

⁵¹ *Ibid.*, p. 33.

⁵² DÍCIO. **dicionário online de português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 06 de junho de 2025.

⁵³ SHELLEY, *op.cit.* p. 396,397.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 306.

Segundo González e Orlandi,

Em termos gerais, pode-se afirmar que o século XIX é o século da expansão protestante euro-atlântica. Tanto a igreja católica romana quanto a ortodoxa russa continuaram seu trabalho missionário.⁵⁵

3.2 Resistência cultural

Influenciados pelo Iluminismo e pela Revolução Francesa do século XVIII, o século XIX viveu grandes mudanças culturais que não favoreciam muito o cumprimento da missão cristã de anunciar o evangelho. Com o pensamento racionalista, fruto do Iluminismo, a igreja precisava responder aos questionamentos feitos contra algumas posições teológicas. A visão de mundo estava sendo influenciada pelos novos descobrimentos históricos, biológicos e astronômicos.⁵⁶

Para González e Orlandi,

A história da criação do Gênesis parecia estar desmentida pela teoria da evolução. Toda cosmologia bíblica ficava em suspeita ante as novas teorias astronômicas”. O mundo estava mudando e buscava respostas baseadas na ciência, e a igreja precisava enfrentar esse desafio de responder a um mundo onde o “homem estava no centro dele”.⁵⁷

Ainda nas palavras de González e Orlandi,

as perguntas que o século XIX propôs sobre a veracidade da Bíblia e do cristianismo serviram para que os próprios cristãos propusessem novas perguntas fundamentais sobre o caráter de fé, e assim se lançaram por novos caminhos de obediência a Deus.⁵⁸

Outra característica que se deve destacar sobre o Iluminismo, é que, ele influenciou o pensamento cristão da época, inculcando-lhes a ideia de que a cultura Ocidental era a ideal e superior as demais culturas, que segundo eles, precisavam tornar-se civilizadas. Segundo Nascimento (2015), “os norte-americanos concordavam que era preciso, primeiro civilizar para depois evangelizar, comprometidos com a cultura do Ocidente, propagando-a com vigor idêntico”.⁵⁹

A cultura do outro era desprezada, a identidade Ocidental era “impressa” aos demais povos, resultado não apenas do pensamento iluminista, mas também da ação colonialista. De acordo com Stott⁶⁰, é preciso aprender distinguir entre Escritura e

⁵⁵ GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit.* p. 229.

⁵⁶ *Ibid.*, p.227.

⁵⁷ GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit.* p. 227-228.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 229.

⁵⁹ NASCIMENTO, *op.cit.* p. 85.

⁶⁰ STOTT, John R. W. **A missão cristã no mundo**. 2ª ed. São Paulo. Editora Candeia, 2008.

cultura, conservando o que é bom e renunciando as coisas que são más, por amor a Cristo.⁶¹ Infelizmente, a igreja falhou bastante neste quesito, faltou sensibilidade e entendimento sobre esse tema.

Baseado no fato de que a igreja tinha um pensamento ocidental supra cultural e um envolvimento com o imperialismo, os povos não viam a igreja como apenas pregadores de boas novas, mas como dominadores, o que naturalmente causava aversão.

3.3 Impactos da modernidade

Com a queda do Antigo Regime absolutista monárquico e a tradicional sociedade feudal representada pela Igreja Católica, causada pela Revolução Francesa, a base do pensamento popular do século XIX era a doutrina do progresso humano.⁶² “Os protestantes sentiram o impacto, mas foi a igreja Católica romana, com sua ligação de longa data com o Antigo Regime, que viu muito de seus tesouros serem varridos violentamente pelos ventos dos tempos modernos”.⁶³

Shelley (2018), diz que as correntes que dominaram o século XIX causaram dificuldades aos cristãos, a tal ponto de, em muitos momentos, não encontrar o caminho correto. O pensamento moderno glorificava ao homem e não à Deus, algo que se tornou mais perceptível por parte da igreja de Roma do que pela maioria dos protestantes.

A Igreja de Roma teve dificuldades em entender e aceitar que o mundo estava mudando e tentou estacionar no tempo em um mundo que vislumbrava o progresso e buscava viver sobre novas perspectivas.⁶⁴

Por outro lado, o protestantismo, que tinha uma relação direta com os países europeus que se levantavam como novas potências mundiais, conseguiu se adaptar melhor as novas circunstâncias ocasionadas pelas mudanças políticas e econômicas.⁶⁵

A modernidade não trouxe apenas desafios externos, mas também internos. Dentro da igreja cristã havia divisões que fragilizavam a missão; essas divisões eram causadas pelas discussões sobre como a igreja deveria ver os novos descobrimentos e as

⁶¹ STOTT, *op.cit.* p. 119.

⁶² SHELLEY, *op.cit.* p. 382.

⁶³ *Ibid.*, p. 382.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 382.

⁶⁵ GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit.* p. 229.

novas teorias científicas.⁶⁶

Entre o final do século XVIII e o início do Século XXI, surgiu o movimento teológico denominado “Liberalismo Teológico”.⁶⁷ Esse movimento colocou em dúvida a autoridade da Bíblia Sagrada, relativizando tal autoridade (Leite, 2022, p.31).⁶⁸

O Liberalismo, movido pelo pensamento racionalista, atacou bases da fé cristã, negando não apenas a autoridade da Bíblia, mas também a historicidade e milagres de Jesus. Schleiermacher, teólogo liberal, atacou todas as doutrinas bíblicas e defendeu o sentimento humano, ou um relacionamento com Deus, como sendo o suficiente para a salvação da alma.⁶⁹

O teólogo Albrecht Ritschl pregava que Jesus não era o filho de Deus, era apenas um gênio, e que o ingresso no Reino era obtido pela boa fé e comunhão entre as pessoas; a fé em Cristo se tornara desnecessária.⁷⁰

A modernidade com suas descobertas, impactou a igreja, fazendo-a voltar-se para a defesa da fé, fé que estava sobre ataque constante por parte de grandes filósofos e teólogos liberais como: Schleiermacher, Hegel, Nietzsche, Strauss, Baur, Ritschl e Harnack.

“O Iluminismo foi anunciado como a “Era da Razão”, em oposição a “Era da Fé”. O liberalismo teológico era simplesmente o Iluminismo aplicado a teologia, portanto, era o filho obvio do Iluminismo”.⁷¹

Nesse contexto, o fundamentalismo, ou movimento dos conservadores, ressurgiu para reafirmar as doutrinas bíblicas, por meio de conferências. Leite diz que:

Foi em 1883, que aconteceu a primeira reunião no Queens Royal Hotel, para a conferência bíblica de Niágara, onde se reuniu todos os anos de 1883 a 1897 (com exceção de 1884). A primeira série de conferência foi em torno de postulados que contestavam, de frente, as interpretações advindas da crítica histórica aplicada à Bíblia.⁷²

Em 1895, princípios como, infalibilidade das Escrituras, divindade de Cristo,

⁶⁶ *Ibid.*, p. 228.

⁶⁷ LEITE, Fúlvio Anderson Pereira. **Fundamentalismo cristão e liberalismo teológico**: Uma análise histórica e teológica. Centro Presbiteriano de pós-graduação Andrew Jumper, São Paulo, p. 31, 2022.

⁶⁸ LEITE, *op.cit.* p. 31.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 31.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 32.

⁷¹ *Ibid.*, p. 36.

⁷² *Ibid.*, p. 41.

nascimento virginal, sacrifício expiatório na cruz em substituição pelos pecados humanos e Ressurreição física e logo retorno, foram defendidos em Niagara.⁷³ A missão sobreviveu em meio a mudança histórica com os desafios que lhe seguiam, mas precisou se adaptar como as demais instituições ao longo dessas mudanças. É observável que a missão em qualquer século enfrentou desafios, e o século XIX não foi uma exceção para os discípulos de Jesus em sua tarefa.

4 PROPOSTA METODOLOGICA COMPARATIVA DA MISSÃO DEI NO SÉCULO I E NO SÉCULO XIX D.C.

“Centrado em estudar, semelhanças e diferenças. Esse método realiza comparações com o objetivo de verificar semelhanças e explicar divergências”.⁷⁴ O método comparativo “analisa os dados concretos e com base neles se deduz elementos abstratos e genéricos. Podendo ser utilizado em todas as fases e níveis que estejam sendo realizadas as investigações.”⁷⁵

Desde o século XIX, os sociólogos (como Marx) usavam o método comparativo para produzir conhecimento. Marx, em particular, fazia isso ao comparar diferentes situações históricas concretas, o que o ajudava a desenvolver explicações mais amplas sobre o funcionamento da sociedade.⁷⁶

4.1 Mensagem

Analisando a missão no I século e a sua mensagem, Green (2020, p.71), diz que, “a mensagem da igreja primitiva denominou-se boas novas porque ela revelava “o anúncio jubiloso da salvação messiânica longamente esperada”.⁷⁷ A igreja pregava motivada pela confirmação das profecias que haviam se cumprido em Jesus. A ressurreição era uma prova de que Jesus era o servo sofredor, e eles precisavam espalhar isso para o mundo.⁷⁸

Jesus era o centro da mensagem, a mensagem, tecnicamente falando, era

⁷³ *Ibid.*, p. 41.

⁷⁴ PRODANOVI; FREITAS. *op. cit.* p. 38.

⁷⁵ ARAGÃO, José; NETA, Maria. **Metodologia científica.**

⁷⁶ SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. **O uso do método comparativo nas Ciências Sociais.** Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998-p.2.

⁷⁷ GREEN, *op.cit.* p. 71.

⁷⁸ *Ibid.*, p.72.

crístocêntrica.⁷⁹ Jesus, afirmavam eles, era o messias, o servo sofredor, descrito pelo profeta Isaias, Jesus era o filho de Deus, ele veio salvar a humanidade (judeus e gentios).⁸⁰ Green (2020), relata que, muitas vezes o evangelho até era chamado simplesmente de Jesus Cristo: Ihe anunciou Jesus (At 8.35;5.42;28.31).⁸¹ Sobre fortes influências das mudanças sociais causadas pelo movimento iluminista e pela Revolução Francesa e o desenvolvimento da ciência, a sociedade do séc. XIX respirava novos conceitos e havia um forte desprezo as interpretações clássicas sobre o texto bíblico. A teologia fora infectada pelo racionalismo, e acreditar em milagres, não cabia mais na era da razão.⁸² A mensagem passava por fortes ataques do liberalismo. Shelley (2018) diz que,

Antes de 1880, a maioria dos ministros da Nova Inglaterra defendia a soberania de Deus; a depravação inata da raça humana (resultado do pecado do primeiro homem); a expiação de Jesus Cristo, base do perdão dos pecados humanos; o papel essencial do Espírito Santo na conversão; e a eterna separação dos salvos no céu e no inferno. Após 1880, cada uma dessas crenças foi posta à prova pelos liberais, [...]”.⁸³

Foi preciso uma reafirmação das bases bíblicas neste período, pois a mensagem foi diluída pelo racionalismo e sofria fortes ataques constantemente. A mensagem crístocêntrica não era vista como sendo necessária para uma classe de teólogos liberais que propagavam suas ideias.⁸⁴

Conclui-se que, no primeiro século a mensagem da missão era pregada com entusiasmo e motivação, pelo cumprimento das profecias, fortalecidas pela ressurreição de Jesus, afirmando, que esse era de fato o Messias, e que a mensagem estava centrada nele. Enquanto, no século XIX, esse pensamento de centralidade de Cristo perdeu força devido a influência dos movimentos racionalistas, oriundo do Iluminismo, que centralizam o homem.⁸⁵ A missão precisou se adaptar as mudanças e manter um diálogo com a época, era notório a necessidade de um avivamento da missão que se tornara fragilizada.⁸⁶ O Iluminismo também causou nos ocidentais, um idealismo de cultura superior, que impregnou a igreja e a sua missão. Ocidentalizar se confundia com

⁷⁹ *Ibid.*, p.197.

⁸⁰ *Ibid.*, p.47-76.

⁸¹ GREEN, *op.cit.* p. 197.

⁸² GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit.* p.227-229.

⁸³ SHELLEY, *op.cit.* p. 431.

⁸⁴ LEITE, *op.cit.* p. 38.

⁸⁵ *Ibid.*, p 19.

⁸⁶ GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit.* p.228.

conversão, toda cultura não ocidental era desprezada e considerada não civilizada.⁸⁷ A missão do século XIX foi muito comprometida pela influência dos movimentos de sua época, ouve então divergência entre a mensagem da missão do século I em relação a do século XIX, muito por conta da transformação social, política e filosófica da era moderna.

4.2 Ação missionária

A igreja primitiva utilizou de vários métodos missionários para que o evangelho a ela confiado fosse divulgado, entretanto, vale ressaltar que esses métodos não eram nos mesmos padrões da contemporaneidade, eram métodos simples, mas muito eficazes. Um desses métodos, era a pregação nas sinagogas, que era um local ideal para se comunicar a mensagem pelos seguintes aspectos: Era o local onde os judeus frequentavam semanalmente; elas atraíam gentios tementes; era um local onde também se fazia estudo; qualquer membro poderia ser convocado para ler as Escrituras e explaná-la.⁸⁸ Eram características apropriadas para os missionários. Green, destaca que "os missionários cristãos aceitavam com gratidão essa oportunidade de falar a Israel, especialmente nas três primeiras décadas decisivas antes que as portas das sinagogas lhes fossem fechadas".⁸⁹ As sinagogas foram de grande importância para a ação missionária.

Uma outra prática muito comum para o mundo da época, foi a pregação ao ar livre. Que não era algo inovador para os judeus e que os cínicos itinerantes também faziam uso. Os cristãos aproveitando-se deste artifício pregavam em vários lugares, a exemplo de campos abertos, à beira de rios e nas praças de mercados.⁹⁰

Os lares foram entre os meios para comunicação do evangelho, um dos mais relevantes. Por ser um ambiente informal e concentrar famílias inteiras; se tornava um ambiente sólido excelente para se difundir as Boas Novas, onde não havia as preocupações que de se tinha em ambientes formais, pelo contrário, promoviam momentos de hospitalidade e descontração.⁹¹

⁸⁷ NASCIMENTO, *op.cit.* p.85.

⁸⁸ GREEN, *op. cit.* p.272.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 272.

⁹⁰ *Ibid.*, p.274.

⁹¹ *Ibid.*, p.286.

As viagens missionárias atingiram outro patamar no avanço da missão. Pode-se destacar a igreja de Antioquia, como a igreja que teve uma participação de destaque nessas viagens. Foi ela que enviou uma equipe de missionários, onde um deles se tornaria o mais influente e renomado; Paulo, o apóstolo dos gentios.⁹² Sobre as viagens feitas pelo apóstolo Paulo, González e Orlandi falam que,

sua tendência de viajar rapidamente de um lugar a outro, deixando pequenos núcleos de discípulos em cada cidade, não se devia tanto a uma suposta estratégia missionária, segundo a qual esses discípulos logo levariam o evangelho para as comarcas mais distantes da região, devia-se antes ao conceito que Paulo tinha de sua missão, e que o levava a não pensar tanto em termos individuais, mas de nação. Uma vez que o evangelho havia sido semeado em uma nação, sua tarefa era a de continuar até outro lugar.⁹³

Segundo González e Orlandi, mesmo sem um plano ou estratégia missionária, havia cristãos em todas as principais regiões do nordeste do Mediterrâneo no final do século I.⁹⁴ As barreiras geográficas e culturais foram cruzadas.

Concernente ao século XIX, o cristianismo no começo deste, praticamente não existia fora da Europa e América, e a Ásia era praticamente intocada. Havia se passado dezoito séculos e o cristianismo ainda estava longe de se tornar uma religião mundial.⁹⁵

No final do século XVIII, nasce aquele que seria o pai das missões modernas, e que atuaria como propagador da fé, significativamente no século XIX, o missionário William Carey. Indo contra o pensamento calvinista, que considerava a pregação vigorosa e os apelos à conversão inconsistentes com a eleição divina, Carey se pronunciou contrário a todas as justificativas que usavam para não evangelizar.⁹⁶

Em 1792, Carey e doze colegas fundaram a Sociedade Missionária Batista e, dentro de um ano, Carey e sua família estavam a caminho da Índia.⁹⁷ Ele se dedicou ao estudo das línguas dos povos orientais, e ao conhecimento do pensamento hindu. Em 1824, ele já dispunha de seis traduções completas e 24 parciais da Bíblia, além de gramáticas e dicionários.⁹⁸

⁹² GONZÁLEZ; ORLANDI, *op.cit.*, p.48.

⁹³ *Ibid.*, p. 48.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 49.

⁹⁵ SHELLEY, *op.cit.* p.401.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 402-403.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 403.

⁹⁸ *Ibid.*, *op.cit.* p.404.

Nas décadas de 1820 e 1830, as igrejas britânicas tiveram interesse generalizado pelas missões além-mar. Havia um otimismo inspirado pelas pregações de Jonathan Edwards, que dizia que o conhecimento do Senhor traria o reino de Deus, e pela mescla do movimento missionário com o otimismo do progresso.⁹⁹

Na rota do continente africano, estava David Livingstone (1813-1873), ele foi missionário e explorador na África. Pensava em abrir caminho comercial no continente, com o objetivo de que os nativos comercializassem produtos que possuíam de seus campos e florestas com o homem branco, visando acabar com o comércio escravagista cruel. Sobre ele, Shelley diz que “Livingstone serviu por dez anos, a partir de 1841, na rotina comum de uma obra missionária, mas ele não era o tipo de pessoa que costumava permanecer muito tempo em um lugar”.¹⁰⁰ Ele ansiava alcançar vilarejos que nunca haviam visto um missionário.

As semelhanças das viagens missionárias bem como a sua expansão entre o séc. I e o XIX são inquestionáveis. Houve grande avanço nos dois recortes históricos, no entanto, a igreja do século XIX, tinha muitos traços do colonialismo e um entendimento de cultura superior, fruto do iluminismo. Mas é possível afirmar que em ambos os períodos em questão houve avanços extraordinários.

4.2 Barreiras culturais

Sobre o domínio de Roma, a igreja do primeiro século enfrentou diversas barreiras, uma delas era no campo religioso. Os romanos eram politeístas, ao contrário dos cristãos, que adoravam um único Deus como a religião judaica. Essa diferença, no entanto, não foi o problema, pois “os romanos demonstravam um profundo respeito pelas religiões de outros povos”.¹⁰¹ O problema é que o cristianismo não era considerado uma religião oficial para Roma, nem era considerada religião, mas superstições.¹⁰² Eles toleravam essas classes desde que não fossem antissociais ou criminosos.¹⁰³ Esses dois requisitos foram cruciais para que os cristãos fossem vistos com maus olhos. Nas palavras de Green os cristãos agiam da seguinte maneira:

⁹⁹ SHELLEY, *op. cit.* p. 405-406.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 406.

¹⁰¹ GREEN, *op. cit.* p. 53.

¹⁰² *Ibid.*, p. 54.

¹⁰³ *Ibid.*, p.55.

Não podiam se alistar no serviço militar, porque poderiam ser obrigados a obedecer a ordens conflitantes com seus padrões e com sua lealdade a Jesus Cristo. Não podiam ser pintores ou escultores, porque isto seria concordar com a idolatria. Não podiam ser professores, porque inevitavelmente teriam de contar as histórias imorais dos deuses pagãos. Eles tinham de evitar contratos comerciais, pois estes exigiam juramentos, que os cristãos não podiam fazer. Tinham de ficar longe de cargos públicos, por causa da idolatria vigente...e assim por diante. Assim, não chega a ser surpreendente que os cristãos, tendo padrões como esse, fossem considerados unidos pelo ódio à raça humana.¹⁰⁴

Além desses fatores considerados antissociais, pesava sobre os cristãos as falsas acusações de crimes de canibalismo e as reuniões em segredo.¹⁰⁵ Havia forte rejeição e desprezo aos cristãos, que eram vistos como inferiores culturalmente. Foi um grande desafio para igreja primitiva cumprir a missão sobre tais circunstâncias.

No século XIX, a igreja que havia ganhado grande status, se tornando um grande poder em todas as esferas da sociedade, viu seu poder sucumbir diante das transformações e avanço da ciência. A Revolução Francesa, lutou pela destituição do poder absolutista e a tradicional sociedade feudal representada pela igreja católica, causando mudanças como, a separação entre igreja e estado no século XIX.¹⁰⁶

Com o surgimento da teoria da evolução, feita por Charles Darwin, e publicada em seu livro *A origem das espécies*, a fé cristã precisou debater sobre o novo conceito da origem da humanidade. Darwin afirmava que o homem evoluiu e não havia sido criado, diferente da visão bíblica. Alguns cristãos rejeitaram totalmente essa teoria, enquanto outros, conciliaram as visões, afirmando que a teoria darwiniana suplementava a bíblica.¹⁰⁷

A Revolução Industrial mudou a vida em sociedade. Pessoas que viviam nos campos, migraram para as cidades, ondem começaram a surgir grandes aglomerações, e consequentemente, vários problemas. As indústrias não proporcionavam segurança e havia muita pobreza na cidade.¹⁰⁸ Shelley relata que “o sol de Deus foi tapado pela fumaça e substituído pelo apito da fábrica: um símbolo do tempo do homem, não de Deus”.¹⁰⁹

¹⁰⁴ GREEN, *op. cit.* p. 60-61.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p.59.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p.382.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p.426.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 434-435.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 434.

A igreja não tinha poder estatal para intervir, mas também não buscou as respostas para os muitos desafios que a Revolução Industrial trouxe. Sobre esse fato Shelley argumenta:

Homens dentro e fora das igrejas passaram a considerar o cristianismo em termos cada vez mais limitados, e praticamente tudo o que não fosse “espiritual” estava livre de críticas. Assim, um grupo crescente de trabalhadores industriais passou a considerar igrejas e mensagem cristãs irrelevantes ou impotentes para abordar as dificuldades sofridas na era das máquinas.¹¹⁰

Essas revoluções, seguidas pelo conhecimento científico, trouxeram novos moldes culturais ao homem do século XIX, trazendo uma grande barreira para o cumprimento da missão.

Analisando de forma comparativa os desafios culturais da missão entre o século I e o século XIX, nota-se que, enquanto no Primeiro século, a igreja estava ainda encontrando espaço na sociedade, e neste processo era muito discriminada e “informal”, no século XIX ela estava perdendo seu status adquirido e se tornando irrelevante aos desafios de seu tempo. A igreja do primeiro século, precisou enfrentar a cultura já existente em sua época, enquanto a do XIX, precisou enfrentar as grandes mudanças culturais de seu tempo para cumprir a missão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado por meio do método comparativo, que teve como objeto de estudo a *missio dei* (missão de Deus), em dois períodos distintos, a saber, o I século e o século XIX d.C. conclui que, em ambos os períodos houve semelhanças no tocante ao alcance de novas regiões e ou povos alcançados, por meio das viagens missionárias. No I séc. Paulo se destaca como o grande missionário, enquanto no séc. XIX, William Carey torna-se o pai das missões modernas. Outra similaridade entre os recortes históricos, está no fato, de que em ambos houve desafios a serem vencidos. A igreja primitiva enfrentou a cultura existente da época, tanto romana como judaica, aspectos sociais e religiosos, foram uma barreira que a igreja precisou enfrentar enquanto se ocupava na missão; havia perseguição e desprezo. No séc. XIX, a “missão” enfrentou as mudanças culturais que o mundo vinha enfrentando ocasionadas por movimentos como o iluminismo, o pensamento supra cultural, que via as outras culturas inferiores e o

¹¹⁰ SHELLEY, *op. cit.* p. 436.

surgimento do darwinismo, que confrontava a “teoria” criacionista. Todas essas barreiras causaram grandes prejuízos a igreja da era moderna.

A pesquisa também chegou à conclusão de que houve divergências entre os séculos analisados. Uma delas diz respeito a mensagem da missão; enquanto na igreja primitiva a mensagem continha o Cristo no centro, e os missionários se contextualizavam a cultura do outro, no século XIX, a mensagem havia sido “corrompida,” muitos, colocaram a sua cultura como parte da mensagem, a mensagem teve um tom de imposição, principalmente por estar entrelaçada ao colonialismo. A igreja da missão no primeiro século estava ganhando identidade, enquanto a do século XIX, estava perdendo o status e notoriedade.

Os resultados obtidos são significativos, pois expõe fatos influenciadores e inegáveis entre dois períodos, que foram determinantes para se conceituar o *modus operandi* da igreja em missão em cada recorte histórico em questão. Assim, a pesquisa demonstra a importância de uma avaliação comparativa, visando compreender os resultados adquiridos, e em sentido prático, fazer uma reflexão para o nosso contexto contemporâneo; qual tem sido a realidade da missão no século XXI em comparação aos anteriores?

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, José; NETA, Maria. *Metodologia científica*. Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Superintendência de Educação a Distância, 2017.

ARÊA, André Luiz Bento. *Ensinado a guardar todas as coisas que o Senhor Jesus tem ordenado em Mateus 28.20: mobilizando a igreja ao ministério eficiente através do discipulado*. 2023, f. 25-26. Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.

BÍBLIA. *Bíblia de estudo King James 1611*: estudo Holman, 1ª ed. Rio de Janeiro: BV Books, 2018.

BÍBLIA. *Bíblia versão NVI, Leitura Perfeita*: Evangelismo — 1ª ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

BRANDÃO, Fernando. *Igreja multiplicadora: 5 princípios bíblicos para crescimento*. 4ª ed. Rio de Janeiro. Editora: Convicção. 2016.

CARRIKER, Timóteo. *O que é igreja missional: Modelo e vocação da Igreja no Novo*

Testamento. 1ª Ed. Viçosa-Mg. Ultimato, 2018.

DICIO. *Dicionário online de português*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>> Acesso em 06 de junho de 2025.

EARLE, Ralph; SANNER, A. Elwood; CHILDERS, Charles L. *Comentário Bíblico Beacon*. Livro 6 Mateus e Lucas - Edição: 1ª, Rio de Janeiro, Brasil - CPAD, 2016.

ERIKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. 1ª ed. São Paulo. Vida Nova, 2015.

GONZÁLEZ, Justo L.; ORLANDI, Carlos Cardoza. *História do movimento missionário*. 1ª ed. São Paulo. Hagnos, 2010.

GREEN, Michael. *Evangelização na Igreja Primitiva*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2020.

KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*. 1ª ed. São Paulo. Vida Nova, 2017.

LEITE, Fúlvio Anderson Pereira. *Fundamentalismo cristão e liberalismo teológico: Uma análise histórica e teológica*. São Paulo: Centro Presbiteriano de pós-graduação Andrew Jumper, 2022. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/31188> Acesso em 19 de maio de 2025.

NASCIMENTO, Analzira. *Evangelização ou colonização? O risco de fazer Missão sem se importar com o outro*. 1ª Ed. Viçosa-Mg – Editora: Ultimato, 2015.

OHARA, Danielle Souza et al. *O Destino manifesto nos discursos oficiais dos Estados Unidos: do 11 de setembro à invasão do Iraque (2003)*. Monografia – Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/3892> Acesso em: 06 de junho de 2025.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

RICHARDS, Lawrence. *Comentário histórico-cultural do Novo Testamento*. 2ª ed. Rio de Janeiro. CPAD, 2024.

S. DE MELO, Vico Denis; A. DONATO, Manuella Riane. *O Pensamento Iluminista e o Desencantamento do Mundo: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático*. Revista Crítica Histórica, [S. l.], v. 2, n. 4, 2011. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2776>>. Acesso em: 7 jun. 2025.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. *O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998 Disponível em:

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/32826981/uso_do_metodo_comparativolibre.pdf?1390501857=&response-content- Acesso em 07 de junho de 2025.

SHELLEY, Bruce L. *História do cristianismo: Uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI*. 1ª ed. Rio de Janeiro. Thomas Nelson Brasil, 2018.

STOTT, John R. W. *A missão cristã no mundo*. 2ª ed. São Paulo. Editora Candeia, 2008..